JANE AUSTEN E A LEITURA DE ROMANCES NO SÉCULO XIX

Leriane Schebeliski Virissimo de Oliveira (PROVIC/CNPq/UEPG), Andrea Correa Paraiso Müller (Orientadora), andreaparaisomuller@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem

Lingüística, Letras e Artes

Palavras-chave: Romance, leitura, Jane Austen.

Resumo

Em fins do século XVIII e início do XIX, o romance era considerado um gênero menor, fútil e, até mesmo, perigoso. Mas, como conquistava cada vez mais leitores, despertava um intenso debate entre os letrados da época. A escritora inglesa Jane Austen participou desse debate, não em textos críticos publicados em jornal, mas dentro de seus próprios romances. A presente pesquisa teve por objetivo estudar o romance *A Abadia de Northanger*, de Austen, atentando para o tema da leitura de romances. Para tanto, o trabalho fundamentou-se em estudos da história da leitura e da história da literatura, buscando também trabalhos críticos sobre a escritora.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar o romance de Jane Austen, *A abadia de Northanger* (1817), no contexto do processo de ascensão e consolidação do gênero romanesco, a partir de um referencial teórico-crítico da história da leitura e da história da literatura mediante leitura de romances no século XIX, estudando o lugar do gênero romanesco no campo literário então em formação.

Escritora atualmente popularizada sobretudo pelas inúmeras adaptações de sua obra para outras linguagens, Jane Austen produziu, em meio a esse processo de ascensão e consolidação do gênero romanesco, seis romances que figuram entre os mais importantes da literatura inglesa de seu tempo. Em muitos deles, a leitura é figurativizada. Por meio de sua escrita, será possível compreender melhor as concepções de leitura e de literatura da primeira metade do século XIX, assim como entender com mais clareza como uma das romancistas da época se inseria nas discussões sobre o gênero que ela mesma praticava, contribuindo para uma visão mais ampla e aprofundada do processo de ascensão e consolidação do gênero romanesco, levando a uma reflexão mais fundamentada sobre a história da leitura.

Material e Métodos

Para realizar esta pesquisa, buscamos fundamentação em estudos recentes e relevantes da área de história da leitura com ênfase no processo de ascensão e consolidação do romance na primeira metade do século XIX. Serviram de fundamentação, principalmente, Goulemot (2001), Abreu (2003), Müller (2013) e Watt (1996). Estudamos também textos de teoria literária, como o de Reuter (1995), para melhor entender os procedimentos narrativos do romance. A dissertação *A leitura e os leitores em Jane Austen*, de Renata Colasante (2005), também serviu como fonte de consulta para as reflexões sobre a obra de Austen.

Foram realizadas discussões com o grupo de estudos coordenado pela orientadora com reflexões abrangentes relacionando os resultados da análise do

romance de Austen aos dados revelados pela pesquisa feita através dos textos mencionados.

Resultados e Discussão

Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775 em Steveanton, uma pequena aldeia rural em Hampshire na Inglaterra e desde cedo já mostrava paixão pela leitura – seus pais eram ávidos e apaixonados leitores – além do talento para a escrita, através mesmo das cartas trocadas entre si e sua irmã Cassandra.

A Abadia de Northanger é o primeiro romance da autora a ficar pronto para publicação, porém, que não ocorreu. Havendo um caso de possível extravio da obra intitulada primeiramente como “Susan”, escrita entre 1798 e 1799, sendo publicado postumamente em dezembro de 1817, aproximadamente dezoito anos depois. A autora faleceu em meados de 1818 em decorrência de uma doença renal.

O início do gênero romance, no século XVIII e início do XIX, gerou excedentes polêmicas, dando lugar a um profundo processo de discussão entre a igreja e letrados da época, que o viam como gênero sem conhecimento útil e incapaz de gerar uma reflexão válida e edificante para a sociedade em si. O romance era tido não só pelos críticos, mas por todos aqueles que possuíam poder, como “um veneno habilmente misturado a uma bebida agradável, e com o qual embriaga-se sem desconfiança. (POITOU, 1857. P.110, apud MULLER, 2013, p.115). A leitura de romances era tida por muitos letrados como grande perigo, pois fazia com que se perdesse tempo precioso, com que se corrompesse o gosto e com que se tomasse contato com situações moralmente condenáveis. (ABREU, 2003).

A Abadia de Northanger é um livro que tematiza o livro e a leitura. A narrativa trata da história da ávida leitora de romances e heroína - Catherine Morland -, de apenas quinze anos e os seus devaneios românticos (ou nem tanto) com o filho do general proprietário da *Northanger Abbey,* local onde se passa a principal parte da trama, além da interpretação do mundo real e ficcional da personagem em questão.

A senhorita Morland, protagonista da trama, é demasiadamente ingênua e incapaz de ver o mal a sua volta, visto que, sua vida antes de se apresentar para a sociedade e poder sair do tédio do campo era apenas a leitura de seus romances góticos de autores como Ann Radcliffe, Regina Maria Roche, Eliza Parsons, sendo eles o seu maior refúgio, citados inclusive durante a narrativa. Em seus primeiros bailes, Catherine não se sente muito à vontade, por não conhecer ninguém e por estar presente em lugares com muitas pessoas que não conhece.

Em um dos bailes rotineiros em que Catherine participa, acaba por conhecer Isabella Thorpe, uma garota já familiarizada com a sociedade da época e que rapidamente torna-se sua melhor amiga. É facilmente compreensível que a família dos Thorpes é um pouco menos abastada que os Morlands, mas que ainda sim tentam manter as aparências mediante as conquistas esboçadas em conversas corriqueiras entre Isabella e outras pessoas, com seu irmão e até mesmo comentários desnecessários direcionados abertamente a Catherine.

Em outro momento, em um dos bailes aos quais Catherine já está acostumada, encontra Henry Tilney, rapaz interessante que a tira para dançar e que desperta nela pensamentos jamais tidos antes e que, sem saber como agir, guarda-os para si até ter uma certa liberdade com sua nova amiga para expressar tais emoções e até mesmo pedir conselhos.

Catherine está à procura do Sr.Tilney que simplesmente sumiu da cidade após o baile em que se conheceram, não compareceu mais nos salões superiores e inferiores para as reuniões, o que aguça ainda mais o interesse de Catherine. Entre

idas e vindas na expectativa de reencontrar o jovem ao qual se afeiçoou tão rapidamente, a srta.Morland conhece a irmã do jovem rapaz, Eleanor Tilney agraciada com sua pureza, discrição e inteligência com qual cria um vínculo de amizade verdadeiro, contrário ao vinculo de Isabella o qual é apenas por interesse e status como um leitor atento já reconheceu nas primeiras páginas em que a personagem é apresentada na história.

A heroína se aproxima cada vez mais de Eleanor e foge cada vez mais das investidas de John Thorpe, irmão rude e inconveniente de Isabella que está apaixonado por ela.

Através das investidas e comentários de John e no decorrer da aproximação da Srta.Morland com a família dos Tilneys, o pai de Henry acredita que Catherine e sua família são extremamente ricos e poderosos fazendo com que o general tenha tamanha afeição pela doce Catherine que a convida para ser hospedar, como nos livros em que lera, em uma abadia e a sua euforia é imensurável.

Assim sendo, os personagens vão para a abadia e começam fortemente os devaneios de Catherine em relação a tudo aquilo que ela já leu nos romances de época, com inúmeras características dos livros lidos sendo comparados exatamente com o lugar onde ela está hospedada e com a coincidência do que acontece com a trajetória de que Henry havia falado anteriormente durante viagem até a casa e uma boa intriga, com a srta.Morland tentando solucionar a morte da esposa do coronel, caso que não possui nenhum motivo de investigação, e com a descoberta da falta de riqueza da protagonista.

Nesta obra, Austen faz, na voz do narrador, alguns comentários e menções sobre o gênero romance. Em uma dessas passagens, a autora nos apresenta que um dos passatempos entre as amigas Catherine, protagonista da trama e Isabella sua amiga, é ler romances, “decididas a se encontrar, apesar da agua e da sujeira, e se trancavam no quarto para ler romances juntas. Isso mesmo, romances. ” (AUSTEN, 2012, p.37). E ainda mais, na continuação dessa passagem no livro, podemos perceber a ”opinião” da autora, na voz do narrador, defende o gênero que tanto sofreu para se consolidar entre a sociedade de seu tempo.

O narrador defende o gênero romance e ainda usa a ironia para nos apresentar que na sociedade em que viva, havia escritores que renegavam os próprios romances para que não fossem mal vistos. Em algumas páginas à frente em uma conversa entre a nossa heroína e a amiga, em que Isabella alega achar que a mãe de Catherine é contra os romances, nos é testificado que as famílias menos abastadas, como a da protagonista em questão, não tinham livre acesso aos livros e que liam os mesmos romances diversas vezes,

> - para mim é estranho que você nunca tivesse lido *Udolpho* antes; mas acho que a sra.Morland é contra os romances.
> - Não, não é. Ela mesma sempre lê Sir Charles Grandison; mas os livros novos não chegam até nós. (AUSTEN, 2012, p.42.)

Aliás, exatamente no capitulo VII a autora nos apresenta através da narrativa o preconceito conforme apresentamos anteriormente, que o gênero romanesco sofreu, quando Catherine questiona John se ele já havia lido *Udolpho*, um romance gótico de Ann Radcliffe e a resposta é: “*Udolpho*! Ah, meu Deus! Não; nunca leio romances; tenho mais o que fazer” (AUSTEN,2012, p. 50). Em sua concepção, romances são textos repletos de futilidades e, por isso, as leituras são convenientes

para o deleite e entretenimento feminino. Nesse trecho, o diálogo é apresentado não apenas para apontar o preconceito existente, mas também a falta de conhecimento do sr.Thorpe que, posteriormente, alega que se fosse para ler algum romance, leria os de Ann Radcliffe sendo que *Udolpho,* questionado por Catherine*,* foi escrito por tal romancista.

Além da defesa do gênero romanesco, a personagem principal, que é a Catherine Morland, é ironicamente apresentada como uma leitora de romances góticos que confunde ficção e realidade. Justamente, o que os críticos alegavam acontecer com a mente feminina. Em inúmeras passagens é possível identificar os pensamentos de Catherine misturando realidade e a sua imaginação através dos livros que já teve a oportunidade de ler antes mesmo de viajar para a abadia. Em tal passagem já é perceptível a comparação entre real e irreal pela personagem, visões e pensamentos que se aprofundam cada vez mais no decorrer da narrativa chegando ao ponto extremo de imaginação da mesma.
da mesma.

Conclusão

Jane Austen escreve romances em um período em que esse gênero era considerado menor e sofria duras críticas. *A Abadia de Northanger* aborda essas críticas e dialoga com elas à medida que apresenta uma personagem leitora e também faz, nas reflexões do narrador, considerações sobre o gênero romance, participando, assim, do debate que existia na crítica. Quando lemos *A Abadia de Northanger*, conhecemos um pouco desse processo de ascensão do romance e do debate que esse gênero provocou.

Agradecimentos

À Profa. Dra. Andrea C. P. Muller, que, com compreensão e paciência, conduziu minha orientação de modo sincero.

À Universidade Estadual de Ponta Grossa por disponibilizar o lugar para as reuniões e ao CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por proporcionar a inclusão de acadêmicos (as) como eu, nas aventuras que são entender um pouco mais sobre literatura e os mestres que a edificaram para que tivéssemos o conhecimento de hoje nessa área.

Referências

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2003.

AUSTEN, Jane. *A abadia de Northanger*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2012.

GOULEMOT, Jean-Marie. *Da leitura como produção de sentidos.* In: _____. Práticas da leitura. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p.107-116.

MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. Moral e arte literária no século XIX: o romance sob suspeita. *Polifonia*, Cuiabá-MT, v. 20, n. 28, p. 101-131, jul./dez. 2013.